COMUNICAÇÃO ORAL - PRÁTICAS DA CULTURA CORPORAL COMO OBJETO DE ESTUDO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

JIU-JITSU BRASILEIRO, GÊNERO E EMANCIPAÇÃO: UMA UNIDADE DIDÁTICA CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Anderson Garcia (proedf@gmail.com)

A presente comunicação relata uma unidade didática de Jiu-Jitsu Brasileiro desenvolvida com estudantes do 1º ano do Ensino Médio Técnico da Etec Guaracy Silveira, na cidade de São Paulo. A proposta integra a temática das práticas da cultura corporal na Educação Física e problematiza as relações de gênero presentes nas aulas, especialmente os preconceitos que associam as lutas à violência, agressividade e masculinidade. Nesse sentido, o Jiu-Jitsu Brasileiro foi abordado como manifestação da cultura corporal de movimento, buscando discutir a participação das mulheres nas lutas, a equidade de gênero e o potencial educativo da modalidade.

A experiência foi organizada em seis aulas fundamentadas na abordagem crítico-emancipatória da Educação Física, proposta por Elenor Kunz na obra Transformação Didático-Pedagógica do Esporte. Essa perspectiva compreende o ensino das práticas corporais para além da reprodução técnica, valorizando a formação de sujeitos críticos, autônomos e capazes de interpretar e transformar a realidade. As atividades articularam competências objetiva, social e

comunicativa, além das transcendências de limites pela experimentação, aprendizagem e criação.

As aulas incluíram debates sobre estereótipos de gênero nas lutas, pesquisas sobre a história do Jiu-Jitsu Brasileiro e a presença feminina na modalidade, vivências corporais de movimentos básicos e situações de defesa pessoal, bem como a criação coletiva de simulações de risco em espaços públicos. Em diálogo com a didática comunicativa de Kunz, as práticas priorizaram a linguagem verbal e corporal como instrumentos de reflexão crítica. As estudantes tiveram protagonismo na condução de atividades, contribuindo para tensionar hierarquias naturalizadas e favorecer a participação equitativa da turma.

A culminância ocorreu com apresentações de simulações produzidas pelos grupos, nas quais princípios do Jiu-Jitsu foram utilizados como possibilidades de proteção, autocontrole e tomada de decisão, e não como incentivo ao confronto. As apresentações foram acompanhadas de rodas de conversa sobre violência de gênero, empoderamento feminino, responsabilização coletiva e segurança nos espaços sociais.

A experiência demonstrou que o Jiu-Jitsu Brasileiro, quando tratado pedagogicamente sob uma perspectiva crítico-emancipatória, pode superar o ensino tecnicista das lutas e tornar-se um conteúdo potente para refletir sobre desigualdades, respeito, cooperação e autonomia, fortalecendo uma Educação Física democrática, inclusiva e emancipadora.

Palavras-chave: jiu-jitsu brasileiro; educação física escolar; abordagem crítico-emancipatória; gênero; cultura corporal de movimento.